

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
CAPÍTULO 2	7
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
CAPÍTULO 3	18
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
CAPÍTULO 4	28
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
CAPÍTULO 5	38
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
CAPÍTULO 6	47
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
CAPÍTULO 7	62
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

CAPÍTULO 8	74
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9201926048	
CAPÍTULO 9	85
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9201926049	
CAPÍTULO 10	90
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
DOI 10.22533/at.ed.92019260410	
CAPÍTULO 11	104
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.92019260411	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260412	
CAPÍTULO 13	123
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.92019260413	
CAPÍTULO 14	129
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260414	

CAPÍTULO 15	141
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
CAPÍTULO 16	152
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
CAPÍTULO 17	166
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
CAPÍTULO 18	173
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
CAPÍTULO 19	190
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
CAPÍTULO 20	197
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
CAPÍTULO 21	210
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
CAPÍTULO 22	225
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

CAPÍTULO 23	231
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
CAPÍTULO 24	242
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
CAPÍTULO 25	258
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breenda Karolainy Penha Siqueira Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
CAPÍTULO 26	270
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel Nádia Laguárdia de Lima Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
CAPÍTULO 27	286
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
CAPÍTULO 28	298
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa Walquirene Nunes Sales Driene N. Silva Sampaio Amanda C. Ribeiro Costa Gláucia C. Silva-Oliveira Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
CAPÍTULO 29	310
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	

CAPÍTULO 30 317

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.92019260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO

Camila Campos Vizzotto Alduino

(Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Sexual, UNESP FCLAr, pesquisadora do GEPIFE – grupo de estudos e pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização UNESP CNPq)

Marcia Cristina Argenti Perez

(Docente do Programa de Pós Graduação em Educação Sexual, UNESP FCLAr, líder e pesquisadora do GEPIFE – grupo de estudos e pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização UNESP CNPq)

RESUMO: É indiscutível que a sexualidade permeie toda e qualquer atividade do ser humano e que, não destoante disso, que a sexualidade infantil se faça presente no ambiente escolar. De fato o tema é polêmico, controverso e demandas infinitas discussões no cotidiano da escola. Assim, este trabalho traz algumas contribuições à luz de dados históricos e definições psicanalíticas sobre o tema, somado a uma pesquisa empírica que, objetiva o estudo sobre a concepção e as devidas intervenções de gestoras de ensino. Para isso, foram realizadas entrevistas com as diretoras escolares da Rede Municipal de Educação do Ensino Fundamental I – Anos Iniciais de uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade Infantil.

Intervenções. Gestores de Ensino

ABSTRACT: It is indisputable that sexuality permeates every activity of the human being and that, notwithstanding, that child sexuality is present in the school environment. In fact the theme is controversial, controversial and demands endless discussions in the school everyday. Thus, this work brings some contributions in the light of historical data and psychoanalytic definitions on the subject, together with an empirical research that aims at the study about the conception and due interventions of teaching managers. For this, interviews were conducted with the school directors of the Municipal Network of Elementary Education I - Initial Years of a small city in the interior of the State of São Paulo.

KEYWORDS: Child sexuality. Interventions. Teaching Managers

1 | INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos a reflexão sobre as Instituições Escolares nos deparamos, certamente, com uma ampla diversidade de fatores e variáveis. Esta pluralidade se faz presente se levarmos em consideração o universo infantil, com suas características e particularidades complexas quanto ao

desenvolvimento psíquico, social, cultural, pedagógico e intelectual. Conjuntamente, devemos também considerar a pluralidade de outros agentes, que são igualmente importantes no cotidiano escolar, e aqui me refiro aos professores, coordenadores, diretores e demais funcionários que ali trabalham.

Desse modo, esse universo que assim se estabelece se apresenta cada vez mais rico e grandioso e, considerando a Constituição Federal Brasileira que visa "... o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (Brasil, 1988, art. 205), as investigações e os estudos, bem como o cuidado nas relações inter e intrapessoais, se fazem cada vez mais necessários e urgentes no ambiente escolar.

É sabido que, no intuito de favorecer esse desenvolvimento das crianças de maneira integral, a necessidade de abordar o tema da sexualidade infantil é fundamental, uma vez que, segundo o fundador da psicanálise, Sigmund Freud (2016), a sexualidade é de extrema importância na constituição do psiquismo. Além disso, o modo como os agentes da instituição, e especificamente os diretores escolares, concebem e intervêm nas manifestações sexuais das crianças no cotidiano da escola, pode contribuir diretamente para o desenvolvimento infantil, seja de maneira positiva ou negativa.

É fato que, o tema da sexualidade se mostra repleto de tabus, preconceitos, mitos e distorções e que, por diversas vezes não são expressos de maneira clara e científica no ambiente escolar. Dito isto, a psicologia institucional entra em cena e nos recorda que, tal como postulou Bleger (1984), é preciso considerar os conteúdos manifestos presentes na instituição escolar, bem como os conteúdos latentes e a formação grupal que ali se inserem. Tais conteúdos, que muitas vezes se encontram inconscientes e velados, são uma fonte de atuação do psicólogo institucional que propicia a exteriorização da subjetividade e a reflexão dos conflitos, neste caso, na escola.

Assim, dada a importância do desenvolvimento sexual na formação integral do ser humano, a sexualidade infantil deve ser um campo de estudo e reflexões constantes nas instituições escolares. Para tanto, é importante reconhecer que a criança e a infância, as quais conhecemos e concebemos atualmente, nem sempre foi assim. Neste momento, se faz necessário discorrer brevemente sobre estes conceitos.

2 | ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Os estudos sobre a Criança e a Infância na história da humanidade de Ariès (1981) descrevem, de maneira rica e aprofundada, a concepção de infância, baseados nos registros históricos disponíveis (diários, pinturas, testamentos e iconografias). Tal contextualização inicia-se no século V, e se estende por durante e após a Idade Média. Diante destes registros, o autor postula que logo depois de a criança apresentar certo

‘desembaraço físico’, a mesma passava a viver como um homem/mulher jovem. Este mesmo autor descreve que a iconografia é explícita neste sentido ao retratar que, até o século XII a imagem de crianças não foi observada nas representações e, quando as retratavam, havia sempre características de um adulto, sejam estas nos aspectos musculares, traços faciais, trajes e vestimentas, entre outros.

Assim, as transmissões de valores e conhecimentos, segundo Ariès (1981) não eram repassadas pela família, uma vez que, logo após o seu nascimento, a criança se afastava de seus pais e passava a viver em outra casa. A aprendizagem e a socialização se davam então graças à convivência e ajuda nos afazeres juntamente com os jovens e adultos.

Com isso, nota-se que as particularidades e características da infância conforme as concebemos atualmente não eram reconhecidas, denotando assim que a criança e a infância não eram concebidas como uma fase própria do desenvolvimento.

Corroborando com esta idéia, Sarmiento (2007) menciona que a infância é tardiamente encontrada nos registros históricos, e quando referenciada é a partir do olhar e com características de um adulto. O autor utiliza a expressão ‘ser em devir’ para retratar algo relacionado à incompletude, algo que ainda não está completo. Philippe Ariès (1981) já havia mencionado sobre este aspecto referindo-se à adulto em miniatura.

Exemplos desta invisibilidade são explanados na obra de Ariès (1981) ao delinear que, durante a Idade Média, conceitos sobre os nomes das crianças eram considerados muito imprecisos, sendo necessário acrescentar um sobrenome familiar ou de um lugar; bem como as idades das mesmas, já que muitos os registros não contam tal informação. Outro exemplo desta indiferença se refere aos trajes das crianças que, logo após não mais utilizarem os cueiros, suas vestes não se distinguiam dos adultos. Os jogos e as brincadeiras são também outra explanação do autor em que afirma que os jogos, os divertimentos e as fantasias faziam parte também do mundo adulto, fazendo com que as crianças participassem das mesmas brincadeiras. Sobre este último exemplo, é oportuno dizer que tais jogos e divertimentos propiciavam um estreitamento dos laços coletivos e um sentimento de união entre as pessoas.

A sexualidade também é outro exemplo desta indistinção do mundo adulto para com as crianças e a infância. Este aspecto merece ser aqui destacado uma vez que é o tema central deste trabalho. Nos escritos do autor

o respeito devido às crianças era então (*século XVI*) algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas, elas ouviam e viam de tudo (Ariès, 1981, p. 77).

Além disso, as brincadeiras sexuais com as próprias crianças eram comuns nesta época e, de fato os adultos pareciam se divertir em observar as primeiras ereções ao brincar com seus órgãos genitais. Tais crianças passam a repetir conseqüentemente tais atos ao atingirem entre cinco a seis anos e, o casamento e gravidez de meninas com idade de 12 anos não eram raros e os meninos por volta dos 14 anos.

Contatos físicos e gestos sexuais com as crianças passavam a ser proibidos somente a partir da puberdade, ou seja, quase adultos. Tais comportamentos se justificavam pois se acreditava que a criança pequena era indiferente e alheia à sexualidade, não apresentando portanto nenhuma consequência destes atos. Além disso, não existia a crença de inocência, muito menos que essa inocência pudesse ser maculada.

É importante frisar neste momento, como reforça o próprio autor, que tais comportamentos diante e para com as crianças não eram espantosos, uma vez que o fazia parte do costume da época. O desconhecimento do conceito de infância e a concepção de criança enquanto uma fase própria do desenvolvimento contribuíram e reforçavam para a prática destes comportamentos.

Todo este contexto denota que, muito além de uma simples representação artística, nos trajes e vestimentas, nas brincadeiras e jogos e nas atitudes sexuais, a infância propriamente dita não encontra espaço na história da humanidade. E, sendo assim, Ariès (1981) denominou como inexistente o “sentimento da infância”, referindo-se à marginalização da idéia e imagem da criança e da infância.

Todavia, é importante esclarecer que, ainda referenciando Ariès (1981), que esse sentimento descrito não apresentava a conotação de abandono, negligência ou qualquer outra situação relacionada, sendo que “o sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil” (p. 99). A passagem pela sociedade desta criança era muito breve, já que a mortalidade infantil era muito grande e, segundo o referido autor, isto se fez um grande vilão e contribuiu significativamente para que a criança e a infância propriamente dita não encontrassem um lugar na história. Algumas expressões utilizadas em sua obra datadas do século XVII clarificam esta postulação ao descrever, por exemplo: “A pequena não contava porque podia desaparecer” (p. 99).

Ainda que no século XII a iconografia já começava a dar os primeiros indícios de representatividade da imagem da criança e da infância, a marginalidade conceitual ainda se apresenta por muito tempo. É somente no século XVI e XVII que as transformações podem ser melhor observadas e, muito além disso, a concepção e os conceitos começam a tomar outras formas. Foram então nestes dois séculos que a criancinha pequena assistiu, embora ainda que somente nas camadas superiores da sociedade, a uma distinção dos trajes dos adultos. É importante dizer que neste período, os trajes admitiam uma enorme importância para a sociedade e, uma distinção neste sentido, é uma prova da mudança ocorrida em relação às crianças.

Já no contexto brasileiro e durante o período colonial e imperial, Minella (2006) descreve a construção histórica e cultural da infância em que os papéis sexuais e as hierarquias de gênero são abordados através de um levantamento bibliográfico, revelando as desigualdades sociais entre meninos e meninas. A autora demonstra a condição infantil, a partir dos registros históricos analisados, que as desigualdades e polaridades evidenciava quanto aos padrões, hábitos e regras de socialização

nos âmbitos familiares, escolares, trabalhistas e nas ruas. Assim, os papéis sexuais desempenhados pelos meninos e meninas se diferenciavam nestes diferentes âmbitos, acentuando as hierarquias e conseqüentemente as desigualdades sociais entre os sexos.

Algumas foram as mudanças sociais que, segundo Sarmiento (2007), colaboraram para que a criança e o conceito de infância fossem colocados à luz como uma “nova fase” do desenvolvimento humano. O autor cita que tais mudanças se devem principalmente à emergência do capitalismo, a criação da escola pública, o advento do racionalismo e a criticidade das idéias teológicas, descrevendo que:

os séculos XVII e XVIII, que assistem à essas mudanças profundas na sociedade, constituem o período histórico em que a moderna idéia da infância se cristaliza definitivamente, assumindo um carácter distintivo e constituindo-se como referenciadora de um grupo humano que não se caracteriza pela imperfeição, incompletude ou miniaturização do adulto, mas por uma fase própria do desenvolvimento (p. 28).

Diante disso, os estudos e as investigações avançaram e, autores das mais diversas áreas contribuíram, cada qual com seu conhecimento específico, sobre a especificidade infantil e suas particularidades. Aqui, o que nos cabe particularmente se refere ao campo da psicologia e da sexualidade e, muito além de ser o precursor a postular sobre a sexualidade nas crianças de mais tenra idade, é impossível não citar Sigmund Freud ao descrever sobre esse tema.

O autor foi o primeiro teórico a abordar e afirmar, em uma perspectiva psicológica, que a sexualidade está presente em todos os seres humanos e em crianças pequenas. Freud, fundador da psicanálise como método de investigação psicológica clínica, iniciou sua carreira como neurologista e desenvolveu uma teoria própria com base nos atendimentos clínicos em seu consultório de pacientes históricas já adultas.

Sua postulação de que o desejo sexual é a energia pulsional inata da vida humana, fez surgir uma nova compreensão do ser humano. Em 1905, sob o título de “Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (2016) descreve que esse desejo sexual está presente igualmente em crianças pequenas e, além disso, reconhece este fator como a etiologia da histeria adulta e portanto de muito sofrimento psíquico, e em decorrência disso orgânico também. Assim, evidencia que, além de importante, a sexualidade é fundamental e determinante na Constituição Psíquica de todos os seres humanos.

Aqui, está em cena a teoria da sexualidade enquanto “pulsão” e não mais como “instinto” conforme havia descrito anteriormente. Enquanto instinto sexual, a conotação presente se referia do ponto de vista da química e da biologia, e foi somente quando Sigmund Freud conceitua a sexualidade enquanto pulsão, mencionando as zonas erógenas, é que sua teoria pôde se desenvolver.

É importante neste momento valer-nos do conceito de “pulsão”, segundo Laplanche e Pontalis (2001), em que explicita como um:

processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta (p. 394).

Como podemos observar nesta descrição, o conceito de pulsão sexual e as zonas erógenas estão conjuntamente presentes o conceito de auto-erotismo infantil. Ou seja, para Freud (2016), a característica essencial da atividade sexual é a satisfação no próprio corpo, em que a criança passa a ser então um ser desejante, com satisfação auto-erótica.

Diante disso, o referido autor atesta que a sexualidade infantil se desenvolve apoiada em questões biológicas e constitucionais representando-a em fases evolutivas, cada qual com sua especificidade acordada nas idades cronológicas. Tais fases foram nomeadas como fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital e são consoantes com a zona erógena relacionada. Neste momento, o conceito de libido, segundo Sigmund Freud, vale a pena ser exposto, uma vez que o termo designa toda e qualquer energia e impulso vital que propulsiona o ser humano para a auto-preservação (Freud, 2016). Para o autor, a libido é compreendida como uma energia sexual - concebida como no fenômeno dos impulsos, do prazer e do desejo - conferindo um papel central na constituição humana.

A importância neste trabalho é, como nos ajuda a esclarecer Laplanche e Pontalis (2001) e ao contrário do que o senso comum acredita, que a sexualidade infantil perpassa por fases desenvolvimentistas em que a genitalidade é, e não somente, uma destas fases.

na experiência e na teoria psicanalítica, 'sexualidade' não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporciona um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual (p. 476).

Assim, frente a esta libido, o comportamento sexual das crianças se manifesta de acordo com as zonas erógenas de cada fase e, aproveitamos para reiterar que o prazer genital pode ser considerado como o amadurecimento do desenvolvimento sexual.

É evidente que, apoiado nestas questões biológicas e desenvolvimentistas, as questões culturais, sociais e as experiências individuais são fatores que também contribuem para o desenvolvimento psíquico de cada ser humano. Ou seja, dentre outros aspectos, destacamos aqui as permissões e proibições, a organização de cada sociedade, a dinâmica familiar e suas devidas relações afetivas, as experiências positivas ou traumáticas que favorecem - ou não - para que o desenvolvimento da personalidade transcorra de maneira saudável, sob o ponto de vista estrutural e dinâmico.

Compreendendo a formação psíquica de maneira muito mais precoce, Melanie

Klein é outra autora pós Freudiana que se ateuve aos estudos sobre a criança e suas particularidades. Klein (1981) compreende a erotização infantil em uma idade mais tenra se comparada ao fundador da psicanálise e a postula sob uma relação dinâmica e fluida por toda a vida, até mesmo na idade adulta. O termo posição é utilizado pela autora e é fundamental para expor sua teoria, uma vez que o todo o desenvolvimento psíquico é invariavelmente baseado no funcionamento destas posições. Laplanche e Pontalis (2001) se apropriam de declarações da própria autora ao descreverem:

... conjuntos de ansiedades e de defesas, embora comecem por aparecer nos estágios mais precoces, não se limitam a esse período, mas ressurgem durante os primeiros anos da infância, e posteriormente, em determinadas condições (p. 347).

Muitos outros autores puderam também contribuir com o desenvolvimento da psicanálise, cada qual com sua contribuição e particular forma de interpretação. Muitos em continuação aos propósitos de Sigmund Freud, outros porém com seguimentos um tanto destoantes do precursor. Contudo, todos os autores pós Freudianos não questionam, em momento algum, a existência da sexualidade nas crianças desde muito pequenas, e a afirmação de que todos os seres humanos são dotados de uma sexualidade logo ao nascerem é uma verdade inquestionável.

3 | UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO

Na certeza de que “toda instituição é o meio pelo qual todos os seres humanos podem se enriquecer ou se empobrecer e se esvaziar” (BLEGER, 1984, p. 57) e na constante atenção quanto às manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar, as reflexões decorrentes quanto à condução e a concepção de sexualidade infantil se fazem mais do que evidentes e necessárias.

O cotidiano escolar e toda sua multiplicidade de conteúdos latentes e manifestos, juntamente com toda diversidade de concepções dos seres humanos que ali trabalham, inquieta-nos. Assim, a propulsão de investigar as concepções sobre a sexualidade infantil, e neste particular momento, nos referimos às diretoras escolares, deu origem a esta experiência.

É indiscutível a importância que a figura e o papel que a direção escolar ocupa, e na atribuição de suas funções diárias que, dentre outras, destacamos a gestão do corpo docente, a medição dos conflitos entre pais, alunos e professores, bem como a integração da escola com a comunidade; as concepções e condutas que as mesmas apresentam acerca da sexualidade infantil, merecem ser melhores investigados para que possa assim beneficiar as crianças visando o pleno desenvolvimento psíquico, social e intelectual.

É sabido que o tema é polêmico e que, no processo de sua investigação, tais conteúdos se esforçam por se manterem velados e não ditos, denotando assim toda uma fragilidade e deficiência institucional.

É relevante mencionar aqui a importância da concepção intrínseca dos diretores

escolares sobre a sexualidade infantil, uma vez que a mesma permeia, além dos comportamentos verbais, mas igualmente e não com menos valor, os comportamentos não verbais. Desse modo, toda e qualquer ação, gesto, atitude, fala, expressão facial, postura, olhar e demais comportamentos, podem transmitir uma mensagem, contribuindo – ou não – para a constituição do psiquismo de maneira saudável.

É fato que as crianças permanecem grande parte do tempo nas instituições escolares, e, com isso é imprescindível mencionar novamente Bleger (1984) ao descrever que:

A instituição forma parte da organização 'sujeitiva' da personalidade de tal maneira que em tais setores da personalidade, poder-se-ia dizer, o esquema corporal inclui a instituição ou parte dela, ou vice-versa. O ser humano encontra, nas distintas instituições um suporte, um apoio, um elemento de segurança de identidade e de inserção social ou pertença. (p. 55)

Assim, conforme propõe Gil (1991), na tentativa de explorar e descrever o que se observa, a experiência caracterizou-se por uma pesquisa descritiva e exploratória e, na investigação do que se é subjetivo e pessoal, a qualidade dos fenômenos abordados é o que neste momento nos interessa.

Em uma cidade pequena do interior de São Paulo, a Rede Municipal de Educação e Cultura conta com 5 (cinco) escolas de Ensino Fundamental I – Anos Iniciais, sendo portanto 5 (cinco) diretoras participantes deste estudo. Todas as diretoras são do sexo feminino e a faixa etária ficou entre 31 a 62 anos. O ano escolar das crianças pelas quais as diretoras se referiram neste estudo contempla entre o 1º ao 5º ano, sendo que a idade abrange de 6 a 11 anos.

Segue abaixo um quadro demonstrativo.

Sujeitos	Idade	Tempo serviço na direção	Nº de alunos por escola	Nº de classes por escola	Horário de funcionamento da escola
1	62	2 anos	225 alunos	11 classes	das 7:00h às 17:30h
2	38	6 anos	310 alunos	13 classes	das 7:00h às 17:30h
3	31	6 anos	265 alunos	13 classes	das 7:00h às 17:30h
4	58	2 anos	150 alunos	07 classes	das 7:00h às 17:30h
5	56	18 anos	162 alunos	10 classes	das 7:00h às 22:30h

Quadro I - Descrição dos sujeitos e suas respectivas Unidades Escolares

A entrevista foi o instrumento escolhido e elaborado especialmente para este estudo. A elaboração do Roteiro para a realização das entrevistas contou com os seguintes temas:

- A concepção de sexualidade infantil;
- A conduta diante as manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar.

Seguindo-se a técnica de entrevistas semi-dirigidas, conforme descrevem

O Campo e Arzeno (1979), essa técnica possibilita uma flexibilidade ao entrevistador, uma vez que permite a realização de intervenções, quando necessário, com a finalidade de assinalar alguns vetores, esclarecer e apontar situações de bloqueio ou paralisação, bem como indagar aspectos sobre o qual não se referiu espontaneamente, ou ainda, apontar para lacunas nas informações consideradas importantes. Bleger (1980) também expõe a entrevista como uma técnica de investigação científica sendo que “... quem controla a entrevista é o entrevistador, porém quem a dirige é o entrevistado” (p.2).

A análise de conteúdo, proposta por Bardin (2009), foi o procedimento utilizado para analisar as entrevistas realizadas e distribuídas em categorias e subcategorias de análise, conforme os quadros abaixo:

Categoria	Subcategoria	Indicadores
Concepção de Sexualidade Infantil	Compreensão de sexualidade infantil.	<ul style="list-style-type: none"> • É o gênero mesmo, masculino e feminino. • A opção sexual. • Ainda não tá bem definido pra eles. • Muito bonitinho, porque eles são muito inocentes. • Cada vez mais a idade vem diminuindo... a classe social também interfere. • Criança até a idade de uns 7, 8 anos eu não acredito que tenha uma sexualidade. • Eles não são maduros o suficiente pra entender aquilo que você tá falando. • Na nossa idade, seria uma coisa normal e natural.
	Visão Naturalista da sexualidade infantil.	<ul style="list-style-type: none"> • Isso é próprio do desenvolvimento; Natural da vida. • Curiosidade natural; Querer conhecer. • Descoberta da sexualidade; Ela vai amadurecendo. • Vai se despertando, de acordo com aquilo que a biologia pede. • É uma coisa natural e normal, desde que não seja levado pro mal caminho.
	Visão ambientalista da sexualidade infantil.	<ul style="list-style-type: none"> • A influência do meio familiar, da família. • Vivendo e se moldando de acordo com o ambiente. • Conviver com outras crianças, na comunidade, influencia nessa sexualidade. • Não tão natural.
	Visão Intercionista da Sexualidade Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Não é pra ser despertado nessa idade tão cedo, mas o fator externo, ali, ajuda a despertar. • A maioria do meio.

Quadro II – Categoria: Concepção de Sexualidade Infantil

Categoria	Subcategoria	Indicadores
Conduta frente as manifestações Sexuais Infantis	Com a Criança	<ul style="list-style-type: none"> • Todo mundo sabe a diferença que tem do homem e da mulher. • Chama atenção explicando. • Explicando que é natural, mas que não está no momento certo. • A gente tira ela de brincar com os meninos, quando vê, ela tá com os meninos. • Foi passada algumas orientação pra ela, que não era legal ela falar, comentar... • Tem que trabalhar, conversar, sem ter que falar direito o que é. • Eu não posso brigar, eu não posso proibir... mas também por outro lado também como eu vou falar.
	Com a Família	<ul style="list-style-type: none"> • E a gente foi conversando, falando pra mãe. • Eu chamo... quando é no caso quando o menino subiu no banheiro pra olhar o outro, não chamo, porque é entre meninos. • Eu nunca abordei esses temas. • Chamei o pai; comunica a família.
	Outros	<ul style="list-style-type: none"> • Foi chamada a psicóloga...porque eu não sei... • Tem que fazer tudo de acordo que o psiquiatra fala pra fazer, o que o psicólogo fala. • O trabalho é muito feito em equipe. Conversamos, reunimos professores e nesse diálogo aí a gente define.

Quadro III – Categoria: Conduta frente as Manifestações Sexuais Infantis

Ao falar de uma sexualidade presente em crianças e não somente em adultos, Sigmund Freud, chocou a sociedade da época que apresentava uma concepção de não existência da sexualidade nesta faixa etária. Nas entrevistas realizadas, podemos inferir que o tema causa certo desconforto e inibição e que o assunto continua sendo polêmico para tais diretoras.

Há uma variedade e diversidade de respostas no que se refere à compreensão e a abordagem com as crianças no ambiente escolar, além da falta de entendimento e formação sobre o assunto. *‘Aquelas coisas de Freud’*, ainda que no magistério, foi citado enquanto formação e os termos gênero e opção sexual foram citados enquanto compreensão, atribuindo-os como sinônimos sobre o tema da sexualidade infantil. Assim, a dificuldade frente a uma adequada concepção sobre o tema se instala e conseqüentemente sob a maneira de abordar as crianças nas escolas.

Muitos são os autores que se debruçam no estudo sobre a temática e, na tentativa de conceituar o termo gênero, Louro (1997) o define como:

no gênero a prática se dirige aos corpos. O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou como são trazidas à prática social e tornadas parte do processo histórico (p. 22).

Minella (2006) também demonstra, sob a luz da história, como as hierarquias de gênero e os papéis sexuais desempenhados por meninos e meninas se distinguem e contribuem para as mais diversas particularidades do desenvolvimento humano. É certo que gênero e sexualidade, apesar de serem aspectos distintos da constituição psíquica e social do ser humano, são aspectos que se influenciam e se relacionam mutuamente; mas não podemos agrupá-los em um mesmo conjunto, muito menos atribuí-los como sinônimos.

As descrições das diretoras escolares apresentam também outras concepções e as crianças são compreendidas como assexuadas e inocentes, acreditando assim que as mesmas *‘não devem ser introduzidas nesses assuntos’*. A urgência e a necessidade de compreender e esclarecer sobre a sexualidade infantil se faz aqui presente, além de suas manifestações e seu percurso no desenvolvimento da constituição psíquica. Sigmund Freud não nos deixa dúvidas ao postular sua teoria sobre a existência da sexualidade já nas crianças desde pequenas e descreve que, apoiado em questões biológicas e constitucionais, a sexualidade se exhibe em fases desenvolvimentistas que foram nomeadas como fase oral, anal, fálica, latência e genital. Diante da correspondência cronológica dos alunos que freqüentam as Unidades Escolares que as diretoras responderam a esta entrevista, as idades contemplam entre 6 a 11 anos, condizendo assim a partir da fase fálica do desenvolvimento psicosssexuais propostas por Freud (2016). É certo que a idade cronológica proposta apresenta certa flexibilidade, porém as fases fálicas, latência e genital estão certamente presentes no cotidiano escolar do Ensino Fundamental I – Anos Iniciais. Não raramente as masturbações infantis são observadas nos espaços escolares, bem como a curiosidade sobre o próprio corpo (ou alheio) e a alusão à cena primária. Ouço também com freqüência os questionamentos e curiosidades sobre assuntos como “ficar”, “namorar”, “beijar”, “menstruação”, “ereção”, “concepção dos bebês”, “sexo”, entre outros temas que nos fazem afirmar de que as crianças estão muito longe de serem inocentes e assexuadas.

Tantos outros autores pós Freudianos também corroboram com a existência de uma sexualidade em crianças desde muito pequenas e Klein (1981) é uma autora que também se debruça, entre outros aspectos, sobre a importância da sexualidade na constituição psíquica, ainda que de maneira muito mais precoce, dinâmica e fluída e estando presente até a vida futura. Diante disso, na certeza de que a sexualidade esteja presente nas Unidades Escolares, as concepções de inocência e assexuadas precisam ser melhores estudadas, revistas e aprofundadas para que as condutas com as crianças possam ser adequadas, beneficiando assim um desenvolvimento saudável das mesmas.

Vale a pena ressaltar, como já dito anteriormente e nos faz recordar Ajuriaguerra (1980), que:

A genitalidade é apenas uma das expressões da sexualidade; é apenas um dos aspectos da evolução libidinal difusa ou localizada, segundo a fase de fixação. Em determinado momento, está em primeiro plano, para, a seguir, ceder o lugar às outras fases, persistindo sob uma outra forma (p. 361).

A violência sexual é outro parâmetro utilizado pelas diretoras e, diante disso as manifestações sexuais, independentemente da idade das crianças, são percebidas pelas diretoras como patológico, sendo necessárias orientações sobre como abordar, e até mesmo a intervenção de apoio técnico e especializado, neste caso, a psicóloga. É fato que a violência sexual traz sérios prejuízos e profundas repercussões psicológicas, sociais, cognitivas, afetivas e comportamentais para todas as crianças que são

vítimas deste brutal episódio; porém, os discursos das entrevistas nos mostram que os comportamentos sexuais das crianças - julgadas pelas diretoras como precoce – são justificadas e evidenciam um único vilão, o abuso sexual. Freud (2016) ciente da interferência de agentes externos para o desenvolvimento da sexualidade infantil, e referindo-se aqui às causas internas para o reaparecimento do instinto sexual após o período de latência, descreve que:

... adquirem importância grande e duradoura nessa época. Em primeiro plano está a influência da sedução, que trata a criança como objeto sexual prematuramente e a faz conhecer, em circunstâncias de forte impressão, a satisfação das zonas genitais, que ela, então, é geralmente obrigada a renovar pela masturbação. Tal influência pode vir de adultos ou de outras crianças (p. 97).

É importante observar na descrição do autor que ao utilizar a palavra renovar, fica clara sua referência de que a sexualidade já faz parte do universo intrínseco e afetivo de uma criança e, pela infelicidade de um episódio de violência sexual, por exemplo, o instinto – que até então se encontrava em período de latência – é ‘geralmente obrigado a renovar pela masturbação’. Melanie Klein, ao corroborar com a ideia de que a sexualidade é parte constituinte do psiquismo infantil, desenvolve a teoria das relações de objeto, que será determinante na dinâmica que o ser humano estabelecerá no seu convívio social e em sua subjetividade. Isto é, as relações de objeto que o ser humano estabelece, em primeiro plano com a figura materna e posteriormente com terceiros, pode nos fornecer indícios do uso dos mecanismos de defesa utilizados e, conseqüentemente da dinâmica psíquica de cada um individualmente. Essa teoria por ela defendida pode contribuir, e muito, para a compreensão frente às infinitas possibilidades de manifestações sexuais das crianças e, se retomarmos para as Unidades Escolares investigadas, para as condutas que as diretoras possam apresentar no cotidiano escolar.

Em direção ao outro extremo desta concepção apresentada, a sexualidade fruto de um desenvolvimento puramente biológico é igualmente apresentado pelas diretoras. Para a psicanálise, o papel biológico e desenvolvimentista é sempre uma fonte de estudos e novas descobertas, além de desempenhar fortes influências para a vida adulta posterior; contudo, não podemos deixar de considerar o papel da cultura, das relações sociais, familiares, das oportunidades, experiências individuais e enfim, todos os fatores externos que conjuntamente contribuem para o desenvolvimento psicossocial das crianças. Tememos aqui para que tal concepção atribuída pelas gestoras de ensino possa não ponderar as particularidades e características individuais da infância e da criança, uma vez que isso nos faz recordar a descrição de Ariès (1981) ao atribuir à criança como um ‘adulto em miniatura’, e revalidado também por Sarmiento (2007) relacionando-as sempre com incompletude e um ‘ser em devir’. Muito para além disso, o que tememos é que, diante desta concepção pura e somente biológica, as intervenções nas escolas sejam mínimas ou totalmente nulas, uma vez que a concepção é baseada na evolução natural e biológica, independente de qualquer

situação ou fonte externa.

Não podemos negar a existência de discursos, ou melhor dizendo de algumas palavras, que atribuem a sexualidade infantil como decorrente de concepções interacionistas; contudo, a continuação do discurso da entrevista como um todo, não nos permite afirmar que a concepção seja assim determinada. A concepção interacionista, que concebe a sexualidade decorrente de influências biológicas e do meio externo concomitantemente, será neste momento mantida; e isto se justifica pelo uso de algumas palavras isoladas, como por exemplo, ‘ajuda a despertar’ e ‘a maioria do meio’. Certo de que a concepção interacionista por nós aqui concebida tenha se firmado, a urgência se estabelece para que conceitos, informações e formações sejam fornecidas, visando assim que as orientações na abordagem com as crianças sejam de forma adequada.

De um modo geral, as cinco diretoras do Ensino Fundamental I – Anos Iniciais desta pequena cidade do interior paulista exibem uma conduta em relação às manifestações sexuais de crianças no ambiente escolar tanto com os pais, como com as crianças, seja de maneira punitiva ou explicativa e orientadora. A realização de encaminhamento para atendimento clínico especializado, neste caso a psiquiatria e psicologia, também é uma prática descrita pelas mesmas. Logicamente, a abordagem com as crianças variam de diretora para diretora e conseqüentemente de escola para escola, mas é possível observar que a comunicação com os pais é uma prática freqüente entre as gestoras de ensino e que está pautada no intuito de questionarem o motivo da ocorrência das manifestações sexuais das crianças e solicitam que os mesmos orientem seus filhos. Ainda que não explicitamente relatado, isto nos leva a refletir de que, inconscientemente há um processo de expulsão/negação, ou seja, o desejo implícito de que tais manifestações sexuais permaneçam fora do ambiente escolar e que a família assuma a responsabilidade pela educação sexual das crianças. Interessante apontar também que, frente a uma provável dificuldade e incertezas nesta abordagem bem como uma provável dificuldade em lidar com as suas próprias questões afetivas e sexuais, a terceirização e o encaminhamento para atendimento clínico fora do ambiente escolar é uma solução encontrada pelas diretoras. Isso denota igualmente a ausência em assumir a responsabilidade frente a qualquer manifestação sexual dos alunos, sendo que, desse modo, as crianças ficam expostas a ações punitivas, sendo proibidas de, por exemplo, brincarem com outras crianças do sexo oposto. Essa conduta não contribui para que o desenvolvimento afetivo e sexual das crianças possam se desenvolver de maneira integral e saudável.

As diretoras descrevem também, ainda que não de forma clara, que as orientações e explicações são realizadas no cotidiano da escola. Na intenção de que tais explicações e orientações ocorram de forma adequada, fornecendo subsídios para a compreensão frente às mudanças corporais, bem como os desejos e prazeres decorrentes, as crianças possam dessa maneira, se beneficiarem da certeza de um desenvolvimento psíquico saudável. Além disso, tais orientações e explicações

adequadas podem contribuir, de acordo com Figueiró (2006), para a prevenção do abuso sexual, para a redução da gravidez precoce e/ou indesejada e do índice de doenças sexualmente transmissíveis (DST), incluindo a AIDS.

De fato, falar de sexualidade, principalmente a sexualidade infantil e a educação sexual nas escolas perpassa por uma mudança de ideologia, valores e crenças, tendo em vista que o tema traz à tona dificuldades institucionais, pessoais, sociais e culturais. Nesse sentido, Forquin (1993) descreve que

ninguém pode ensinar verdadeiramente se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida à seus olhos. Esta noção de *valor intrínseco da coisa ensinada* (grifos do autor) tão definir e de justificar quanto de refutar ou rejeitar, está no próprio centro daquilo que constitui a especificidade da intenção docente como projeto de comunicação formadora (p.9).

Assim, a necessidade de se discutir sobre esse tema se mostra cada vez mais presente e este trabalho revela a possibilidade de uma reflexão sobre a sexualidade infantil e a maneira de como abordar este tema tão polêmico nos contextos escolares.

Desse modo, na esperança de que as crianças, em um futuro próximo e então dotadas de uma evolução psíquica, afetiva e social, decorrente de um desenvolvimento sexual integral e saudável, possam perpetuar e desenvolver ações que beneficiarão demais seres humanos. A prosperidade humana agradece!

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. **Manual de Psiquiatria Infantil**. trad. Paulo César Geraldos e Sonia Regina Pacheco Alves. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Masson do Brasil Ltda, 1980

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: edições 70, 2009

BLEGER, J. **Psico-higiene e Psicologia Institucional**. Porto Alegre, Artes Médicas. 1984

BLEGER, J. **Temas de Psicologia: Temas e Grupos**. São Paulo. Martins Fontes Editora, 1980

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

BRASIL. **Brasil. CNS Conselho Nacional de Saúde**. Ministério da Saúde. Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html acessado em 11/01/2019.

BRASIL. **Brasil. CNS Conselho Nacional de Saúde**. Ministério da Saúde. Resolução 510, de 7 de abril de 2016. Brasília disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html acessado em 11/01/2019.

FIGUEIRÓ, M. **Formação de Educadores Sexuais: Adiar não é mais possível**. Londrina: Eduel, 2006 (Coleção Dimensões da Sexualidade)

FORQUIN, J. **Escola e Cultura: a sociologia do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes

Médicas, 1993

FREUD, S. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Sigmund Freud Obras Completas Volume 6 – Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos [1901 – 1905]**. trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ªed. São Paulo: Atlas, 1991

KLEIN, M. **Psicanálise da Criança**. Rio de Janeiro: Mestre Jou, 1981. (original de 1932)

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

Louro, G. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997

MINELLA, L.S. Papéis Sexuais e as hierarquias de gênero na História Social sobre Infância no Brasil. **Cadernos Pagu (26)**, janeiro-junho de 2006: p. 289-327

OCAMPO, M.L.S.; ARZENO, M.E.G. A entrevista inicial. In: _____, et. Al. (orgs.) **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. 10ªed. São Paulo: Martins Fontes, p.15-45 (original de 1979) 2001

SARMENTO, M.J. Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: Vasconcellos, V.M.R.de; Sarmento, M.J. **Infância (In)Visível**. Araraquara: Junqueira&Marin, p.23-49, 2007

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-292-0

